

*Valéria Piassa Polizzi*

**Enquanto estamos crescendo**

*Enquanto estamos crescendo*  
© Valéria Piassa Polizzi, 2003

Diretor editorial adjunto	Fernando Paixão
Editor assistente	Emílio Satoshi Hamaya
Preparação de originais	Agnaldo Holanda
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Ana Luiza Couto Alessandra Miranda de Sá Cátia de Almeida

ARTE	
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Editores eletrônicos	Claudemir Camargo Eduardo Rodrigues
Edição eletrônica de imagens	Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

P832e

Polizzi, Valéria Piassa, 1971-  
Enquanto estamos crescendo / Valéria Piassa Polizzi ; ilustrações Miadaira. - 1.ed. - São Paulo : Ática, 2003.  
128p. : il.

Contém suplemento de leitura  
ISBN 978-85-08-08963-5

1. Literatura infantojuvenil. I. Miadaira, 1956-. II. Título.

09-4348. CDD 028.5  
CDU 087.5

---

ISBN 978 85 08 08963-5 (aluno)  
ISBN 978 85 08 08962-8 (professor)

2012  
1ª edição  
8ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2003  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

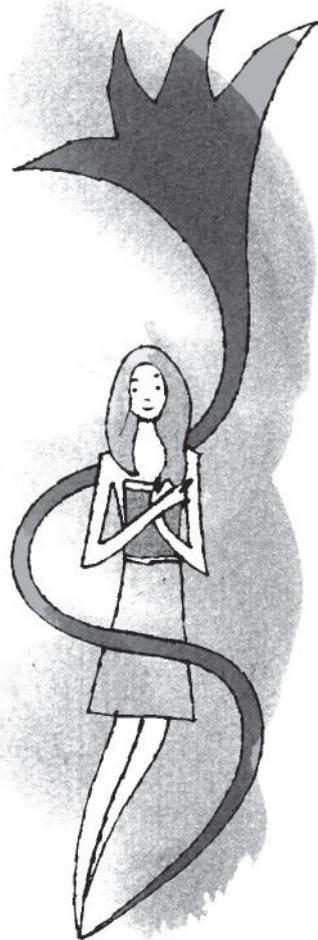
**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



*Valéria Piassa Polizzi*

## Enquanto estamos crescendo

Ilustrações  
MIADAIRA



**ea**  
editora ática

Foto: Peter Grundböck



## *Em crescimento*

Quando escrevi meu primeiro livro, o *Depois daquela viagem*, eu era ainda muito jovem, o que surpreendia as pessoas. “Tão nova e já publicou um livro?” Agora que “cresci”, e sou uma adulta, as pessoas me perguntam como eu consigo continuar escrevendo sobre e para adolescentes, já tendo chegado aos 30. Como eu posso adivinhar o que vocês pensam, como vivem, se divertem, sonham, sendo que hoje está tudo tão diferente e corre tudo tão mais rápido do que foi na minha adolescência?

Em primeiro lugar, não acho que as coisas estejam tão diferentes. Os tempos podem ter mudado muito. Os costumes se modernizam cada vez mais rápido, sim. A moda é outra, a música é diferente, as gírias são novas. Mas as inquietações com as mudanças do corpo, a redescoberta do mundo através de novos olhos, a curiosidade sobre a vida sexual, os medos e as inseguranças em relação ao futuro, o aprendizado nos relacionamentos... A essência de tudo isso continua a mesma. É só qualquer adulto parar para pensar com o coração, fechar os olhos e lembrar a fundo dessa época de transformações, e vai perceber que só o que mudou foi mesmo a superfície.

A adolescência é e vai continuar sendo a fase do crescimento. Diferente da infância, porque é um crescimento com consciência. Consciência dessas transformações, internas e externas. Quando a gente vai se descobrindo gente, cidadão do mundo. Para mim, uma fase apaixonante de nossas vidas.

Depois de ter publicado um primeiro livro, autobiográfico, que criou uma identificação tão grande com os jovens, não pude mais parar de escrever. Depois de ter viajado pelo país, dando palestras em escolas e faculdades, não pude mais parar de ouvi-los. E a cada carta ou *e-mail* que recebo de um de vocês, percebo o quanto ainda está por ser escrito. Quantos assuntos, temas... quantas histórias... Não só *para* vocês, mas principalmente *sobre* vocês. Ou quem sabe sobre nós. Porque quando escrevo tenho a certeza de que a adolescente dentro de mim ainda vive. E está em puro crescimento.

*Valéria Piassa Polizzi*

## Sumário

### *Em família 11*

- Amor de gigante 13
- \*Educação começa em casa 17
- Sobre valores e justiça 20
- \*A cor vermelha 24
- Uma batalha 27
- O caso do livro desaparecido 31
- A espera 34
- Nessas horas 36

### *Casos de amor 39*

- O bicho do adeus 41
- Bela adormecida a seu lado 44
- \*Sonho de menino 47
- Churrasco em família 51
- A ferida 58
- \*Alô 61
- \*É Carnaval 64

### *Aprendendo com a vida 67*

- Tal dono, tal cão 69
- \*Que difícil! 72
- \*Parece que foi ontem 75
- Só uma vezinha 78

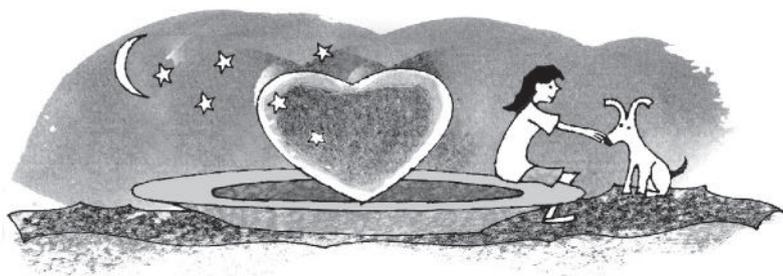
Desarmamento	83
No seu caminho	88
*Em vão	92
<i>Nem tudo é como parece ser</i>	95
*Como vejo	97
*O anel e a sandália	100
*Coisa de moleque	102
*Entre irmãs	105
Fora de lugar	109
*A reunião	114
*Meu mundo caiu	118
O paciente do quarto ao lado	121

\* As crônicas assinaladas foram originalmente publicadas na revista *Atrevida*.

*Para minhas queridas avós, Belmira e Ana Maria,  
que se especializaram em adolescentes, de tanto criar  
netos foragidos das casas de pais separados.*

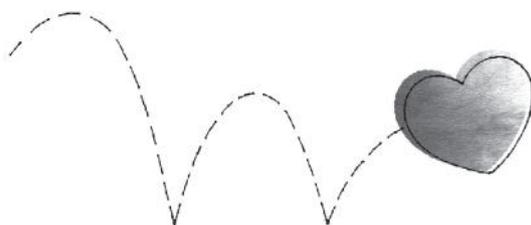


*Em família*





## *Amor de gigante*



Ivan sai do elevador e entra no apartamento batendo a bola de basquete no chão:

– E ele passa por um, e ele dribla o outro, e ele corre e vai e vai... É cesta!

– Quantas vezes já falei pra não bater essa bola aqui dentro, Ivan?

O garoto põe a bola embaixo do braço e cobre a cara com a aba do boné.

– Foi mal, mãe.

Do sofá, onde está a fazer as unhas, ela pergunta:

– Por que não ficou lá embaixo jogando na quadra, hein?

– O jogo acabou. Ah, e tá muito quente, todo mundo subiu – justificou, tirando o boné e jogando-o sobre a mesa. – Cadê o pai?

– Tá fazendo imposto de renda no escritório. E não comece a espalhar coisa pela casa, menino!

– Ai, que tédio! – e, olhando pela janela: – Vamos pro clube, mãe?

– Hoje não, filho. Se quiser, vá você, pegue um ônibus.

– Eu não, neste calor... – e dá mais duas batidinhas com a bola no chão.

– Ivan, o que eu acabei de falar?!

– Ôps, esqueci – larga a bola, que vai batendo no chão em declínio, até parar.

– Vá para a praia, meu filho.

– Vá ver o calor que está lá fora, mãe!

– Então sossega e fica aqui dentro no ar condicionado! E pouco barulho que seu pai precisa de silêncio para se concentrar.

– Ah, tédio, tédio, tédio! – reclama o menino de novo. E num malabarismo enorme com seu um metro e oitenta, passa por entre o sofá, a mesinha de centro e as pernas da mãe, e se senta ao lado dela.

– Ai, cuidado, Ivan! Não sabe se mexer sem tirar tudo do lugar?

Ele pega uma das mãos dela. Que quase some dentro das dele. E, examinando:

– Vai pintar de que cor?

– Acho que nem vou pintar. Só estava tirando o esmalte velho. Semana que vem vou à manicure.

– Isso mesmo, deixa transparente que eu acho mais bonito – diz, com ares de entendido que a faz rir. Ele encosta a cabeça em seu ombro e se estica todo no sofá, como um gato manso.

– Tira o pé da mesinha, Ivan!

– Pô, mãe, que saco!

Emburrado, escorrega a cabeça para o colo dela, esparramando o resto do corpo. Seus pés, de qualquer modo, não cabem no sofá, ficam de fora. E de repente ele se sente extremamente grande. Quando foi que cresceu tanto assim? Sempre quis chegar ao tamanho do pai, mas agora parecia tão maior que... sua mãe. E de baixo para cima olha seu rosto fino, seus cabelos compridos. Orgulhava-se de ter uma mãe jovem e tão bonita. Na escola até seus amigos comentavam.

Mas agora nem sua cabeça cabia direito no colo dela... Como ele podia ter nascido de dentro dela? Daquele ventre mínimo. E ainda mamado em seus seios?

– Tá pesado?

– Não, pode ficar – e ela continua a lixar as unhas. Ele se vira para o outro lado e fecha os olhos.

Acabado o serviço, ela coloca a lixa sobre a mesinha. E como se não soubesse exatamente o que fazer com as mãos, agora desocupadas, apoia-as na cabeça dele, meio sem jeito. Há quanto tempo não ficavam assim, tão perto? Vai se lembrando dele ainda bebê, todo dependente, protegido por ela. E enquanto acaricia seus cachos, num cafuné infinito, de repente se dá conta: “Como cresceu! Parece quase... um homem”. Ele se encolhe todo. Gato manhoso. “Corpo de homem, coração de menino”, pensa ela.

– Precisa cortar esse cabelo, hein, meu filho? Olha só o comprimento que está isso?

– Hum... – ele solta um gemido, misturado a consentimento. Não quer que ela pare, está tão bom... Que saudades disso. E ele se sente pequenino de novo, como quando cabia inteirinho em seu colo. Adormece feliz.

A tarde vai passando de mansinho e mãe e filho cochilam no sofá.

Já é noite quando o pai entra na sala e acende a luz, de supetão:

– Bonito, hein?! – diz. – Eu quebrando minha cabeça e os dois aí...

A mãe abre os olhos devagar. O garoto se espreguiça.

– Vamos acordar, minha gente! Ô Ivan, que folga é essa, moleque? O tempo do “colinho da mamãe” já acabou!

– Amor, deixa ele... Estava dormindo tão gostoso, tadinho...

– Vai, vamos... Quem quer sair pra comer uma pizza?